

Economia - Brasil

O GLOBO

# BC acredita que país não precisa de acordo com o FMI para fechar contas

Diretor diz que déficit externo deve ser compensado por investimentos

Enio Vieira

• BRASÍLIA. O diretor de Política Econômica do Banco Central, Afonso Beviláqua, afirmou ontem que não há necessidade de um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para equilibrar as contas externas do Brasil em 2004. Para ele, as condições no mercado internacional são favoráveis, e o Brasil deverá ter um déficit em transações correntes (exportações, importações, viagens, juros, remessa de lucros) de US\$ 6,3 bilhões em 2004. Esse montante poderá ser financiado pela entrada de US\$ 13,5 bilhões em investimentos diretos estrangeiros.

Para 2003, Beviláqua disse que a estimativa do BC para o déficit corrente está em US\$ 1,2 bilhão e que os investimentos também podem ficar acima dos US\$ 10 bilhões estimados este ano. Nesse cenário, há sobra de moeda estrangeira no mercado brasileiro.

## Superávit comercial deve cair para US\$ 16,5 bi

O que vai pesar no financiamento externo em 2004 serão os vencimentos da dívida externa, que devem subir de US\$ 27,1 bilhões em 2003 para US\$ 40,6 bilhões no próximo ano. Segundo o BC, o aumento se deve ao grande volume de captações de curto prazo feitas no exterior em 2002, de empresas privadas.

— Com ou sem FMI, o balanço de pagamentos é favorável. Não há necessidade de acordo para as contas externas — disse Beviláqua.

O diretor do BC ressaltou ainda que a decisão de renovar ou não um acordo depende de



uma decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Para Afonso Beviláqua, o déficit corrente em 2004 crescerá devido à retomada do crescimento da economia, o que exigirá mais importações. Nas contas do BC, o superávit comercial deverá cair de US\$ 20,5 bilhões em 2003 para US\$ 16,5 bilhões.

As exportações podem passar de US\$ 68,5 bilhões para US\$ 71,5 bilhões, e

as importações, de US\$ 48 bilhões para US\$ 55 bilhões.

Beviláqua enfatizou que o aumento do déficit não será um obstáculo ao crescimento. Ou seja, crescer mais não aumenta o desequilíbrio das contas externas, o que, por sua vez, não pressionará o câmbio e a inflação.

— Parte do ajuste das contas externas tem caráter permanente. No passado, o déficit

## Traduzindo o economês

O balanço de pagamentos, ou contas externas, é a contabilidade de todas as transações do país com o exterior, totalizando as receitas e as despesas de divisas. Divide-se em transações correntes e conta de capital. Fazem parte das transações correntes a balança comercial (exportações e importações), a balança de serviços (pagamento de juros da dívida externa, por exemplo, além de viagens internacionais, os transportes e os lucros) e as transferências unilaterais (por exemplo, dinheiro de imigrantes enviado para fora do país ou de brasileiros residentes no exterior enviado para parentes no Brasil). Já da conta de capital fazem parte empréstimos concedidos ao Brasil, por bancos privados ou agências internacionais, e investimentos diretos ou de risco.

## Como isso afeta o país?

Se o Brasil tem um déficit em transações correntes — como o verificado nos últimos anos — ele precisa ser financiado pela entrada no país de investimentos diretos estrangeiros. Do contrário, o Brasil corre o risco de não conseguir honrar, por exemplo, compromissos assumidos no exterior, como o pagamento de juros da dívida.

corrente seria maior (no caso de retomada do crescimento da economia) — afirmou o diretor do BCV.

Nos últimos 12 meses, a economia brasileira registrou superávit corrente de US\$ 3,484 bilhões (0,78% do Produto Interno Bruto), resultante do câmbio desvalorizado e do baixo crescimento da economia, que seguram as importações. ■

50